

Comparação irrita o presidente

Diferenças entre Brasil e Rússia são destacadas por FH

CARLOS FRANCO

O presidente Fernando Henrique Cardoso entrou no ritmo da Copa do Mundo e, usando expressão do futebol, disse, no gramado do Palácio da Alvorada, que o Brasil não é a bola da vez, para chutar a escanteio as especulações do mercado financeiro internacional expressas no *The Wall Street Journal*. O presidente não conseguiu, porém, esconder sua irritação com as comparações feitas entre o Brasil e a Rússia.

E o que os dois países têm em comum que leva a essas comparações? Tanto o Brasil como a Rússia convivem com crescimento do déficit fiscal – despesas maiores que a arrecadação – e se destacam por praticar as mais altas taxas de juros do planeta. No ano passado, o rombo fiscal da Rússia foi de 7,5% do Produto Interno Bruto (PIB), que é a soma de todos os bens e serviços

produzidos no período de um ano. O do Brasil foi de 6,5% do PIB, mas está crescendo e chegou a surpreender o próprio governo. “É gravíssimo esse déficit”, reconheceu o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), André Lara Resende, um dos formuladores do Plano Real, no início deste mês.

Diferença – Mas há uma diferença entre os dois países que o presidente Fernando Henrique Cardoso tem destacado. Enquanto o Brasil tem reservas cambiais de cerca de US\$ 70 bilhões, as da Rússia estão em US\$ 16 bilhões e caindo. Além disso, o governo brasileiro está iniciando o processo de privatização do Sistema Telebrás, que, pelas contas do economista Edmar Bacha, outro formulador do Plano Real, atrairá US\$ 4,5 bilhões por ano, de 1998 a 2001.

Fernando Henrique, porém, não ficou no discurso. Para destacar diferenças, autorizou a queda dos juros este mês, no momento em que o mercado financeiro apostava em cautela. É certo que para o consu-

midor caiu pouco, de 23,5% para 21,25%, mas bem mais do que o máximo de 0,5 ponto percentual previsto por muitos. Além disso, amanhã serão divulgados os editais de venda das empresas estaduais de telecomunicações, as teles, como Telerj, Telesp, Telesc e Telebrás, sem falar na Embratel.

A crise russa é o terceiro terremoto em economias de países emergentes em três anos e meio de governo Fernando Henrique. Países emergentes, na definição dos economistas, são aqueles que têm economias em processo de estabilização, empresas com grandes possibilidades de crescimento e ações baratas com certeza de alta rentabilidade, consumidores ávidos por novidades, juros elevados e moedas ancoradas principalmente no dólar. Tudo isso atrai capitais externos, principalmente os especulativos.

Risco – Apesar do risco que representa, esse dinheiro amplia o caixa das reservas, que garantem o exercício da política cambial. E também funciona como uma garantia para o endividamento externo.

O primeiro tremor com repercussões no Brasil partiu do México, onde começou em dezembro de 1994, obrigando o país, em março de 1995, a elevar juros, instituir compulsórios sobre os depósitos bancários e adotar uma nova política de câmbio, a das bandas, com teto máximo e mínimo de desvalorização frente ao dólar.

O segundo furacão começou em setembro de 1997, tendo como epicentro os países asiáticos. Em outubro, o governo brasileiro elevou os juros, deu maior flexibilidade ao câmbio, mas foi surpreendido pelo crescimento do déficit fiscal, que nem leilões de privatização como o da Vale resolveram.

Carlos Ivan Simonsen Leal, vice-presidente da Fundação Getúlio Vargas, afirma que as contas externas “são a principal semelhança entre Brasil e Rússia: ajuste fiscal insuficiente e necessidade de capitais externos”. A diferença é que o Brasil ainda atrai dinheiro para privatizações e há previsão de investimentos externos, enquanto a Rússia “tem um gasto militar exacerbado”.